Tema: O desafio de se conviver com a diferença

Título: **Aceitar para evoluir**

Autora: Amanda Cardoso Albertini

Vivemos em um mundo onde as pessoas estão cada vez mais intolerantes com as diferenças dos outros; em nossa sociedade, sempre houve um certo preconceito com tudo aquilo que não pertence aos padrões pré-estabelecidos por um grupo preponderante. De maneira grotesca, podemos dizer que no mundo em que vivemos, as formas de agir, pensar, e se portar, estão inconscientemente padronizadas por uma classe de pessoas dominantes, e tudo que é incomum a esses padrões torna-se desprezível pela maioria da sociedade.

Tal intolerância é justificada pela falta de conhecimento e aceitação das ideias alheias, o egocentrismo que leva a crer que existe apenas uma opinião, ou apenas uma única forma para tudo. Este defeito, acompanha a nossa sociedade há muito tempo, foi este mesmo pensamento, que levou idealizadores do século XIX a exterminarem mais de um milhão de pessoas, europeus a escravizarem uma nação inteira, e grupos ativistas a matarem pessoas inocentes sem nenhuma justificativa até os dias de hoje. O preconceito com o que é dissemelhante, somado ao sentimento de superioridade, que trazem tantos regressos a história da nossa sociedade, pois eles são as origens de intolerâncias que podem levar ao extermínio dos diferentes, tornando nossa sociedade algo mecânico, estabelecido e padronizado.

É fundamental enxergar a diferença, como uma forma de evolução. Tanto no meio biológico, onde as mutações levam ao melhor desenvolvimento das espécies, como na parte cultural, onde a miscigenação cultural manifestada por meio não só da arte, permite uma melhor compreensão do grupo social observado.

Para evoluir, é fundamental compreender que ninguém é igual a ninguém, e que são as diferenças que fortalecem a evolução do nosso convívio social. Quanto mais as diferenças forem aceitas, mais diferenças surgem, e mais miscigenada fica nossa sociedade. Para aceitar que isso aconteça, é necessário fazer uma reconstrução de valores, admitindo nocivamente que o conceito de “diferente” e “normal” é subjetivo.